O Primeiro Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG) – afirmação de uma identidade e início de uma história

Charlles da França Antunes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
AGB – Seção local Niterói.
✉ charlles@uerj.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo trazer à luz a criação do Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG). Passados mais de oitenta anos desde a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), e no ano de comemoração de sua sétima edição, é importante trazer para a comunidade geográfica a história da criação de um dos seus mais importantes eventos e o mais antigo ainda em realização. Afinal, toda história tem o seu começo, e o do CBG foi em 1954, apenas vinte anos após a fundação da AGB, tendo como objetivo afirmar a identidade de um campo científico e de uma comunidade que começava a se formar no Brasil.

Palavras-chaves: congresso, história do pensamento geográfico brasileiro, Associação dos Geógrafos Brasileiros, identidade.

Terra Livre – ano 30, v. 2, n. 42 – 2014
Para citar este artigo: ANTUNES, Charlles da França. O Primeiro Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG) – afirmação de uma identidade e início de uma história. Terra Livre, ano 30, v. 2, n. 42, 2014.

The First Brazilian Geographers Congress (CBG) – affirmation of an identity and the beginning of a story

***Abstract**: This article aims to bring light to the creation of the Brazilian Congress of Geographers (CBG). After more than eighty years since the founding of the Association of Brazilian Geographers (AGB), and the year celebrating its seventh year, it is important to bring to the geographic community the story of creation of one of its most important events and the oldest still performing. After every story has its beginning. The early history of CBG was in 1954, only twenty years after the founding of the AGB, and in order to assert the identity of a scientific field and a community that was beginning to form in Brazil.*

***Keywords**: congress, history of geographical thought brazilian, Association of Brazilian Geographers, identity.*

El primer Congreso Brasileño de Geógrafos (CBG) – la afirmación de una identidad y el comienzo de una historia

***Resumen**: Este artículo tiene como objetivo llevar la luz a la creación del Congreso Brasileño de Geógrafos (CBG). Después de más de ochenta años desde la fundación de la Asociación de Geógrafos de Brasil (AGB) y el año que celebra su séptima edición, es importante traer a la comunidad geográfica de la historia de la creación de uno de sus eventos más importantes y los más antiguos aún realizando. Después de todo, cada historia tiene su comienzo. La historia temprana de CBG fue en 1954, sólo veinte años después de la fundación de la AGB, y con el fin de afirmar la identidad de un campo científico y una comunidad que comenzaba a formarse en Brasil.*

***Palabras clave**: congreso, historia del pensamiento geográfico brasileño, Asociación de Geógrafos Brasileños, identidad.*

As instituições científicas devem ser observadas como portadoras e resultantes de formas históricas de institucionalização de saberes, como produtoras e produtos de determinados tempos e locais, culturas e sociedades, visceralmente conectadas a demandas, grupos, influências, indivíduos, visões de mundo e utopias. Com essa dimensão ampliada poderemos melhor compreender as questões que herdamos, juntamente com nossas instituições e práticas.

– Figueirôa, 1997

A grande contribuição da AGB ao desenvolvimento da geografia brasileira (...) decorre do fato de que ela reunia geógrafos de pontos diversos do país para debaterem temas e questões e realizar, em conjunto, trabalhos de pesquisa de campo; divulgava os métodos e técnicas e também os princípios dominantes nos centros mais adiantados. Ela difundiu métodos de trabalho numa época em que não havia cursos de pós-graduação em geografia, contribuindo para consolidar a formação dos geógrafos mais novos ou menos experientes. Realizando reuniões em pontos diversos do território nacional e fazendo pesquisas, a AGB deu ensejo a que se conhecessem melhor estas áreas e os seus problemas.

– Manoel Correia de Andrade, 1987

Introdução

Toda história tem um começo. A história de realização dos Congressos Brasileiros de Geógrafos (CBG) é também a história da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), e, por consequência, da geografia brasileira.

As histórias disciplinares desempenham um papel importante na estruturação e reestruturação constantes dos campos de saber, proporcionando aos profissionais que trabalham com a ciência uma visão de si mesmos, da comunidade à qual pertencem e o sentido de seu trabalho. Por meio da história da disciplina, se forjam e difundem as ideologias que dão coesão à comunidade científica: quem são seus fundadores, suas figuras mais destacadas, os objetivos e a relevância social de seu trabalho e as relações de cooperação, diálogo ou mesmo conflito com outras disciplinas ou campos de conhecimento (Capel, 1989). A história nos ajuda a compreender nossa identidade, como *sujeitos de* e *sujeitados a* certos processos, como membros participantes de uma comunidade científica (Sousa Neto, 2000).

Passados mais de oitenta anos desde a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em 1934, dezenas de edições de diferentes eventos ligados a esta entidade (encontros, congressos, simpósios) foram realizadas, durante esse tempo. Alguns eventos, atualmente, não mais existem; já alguns nasceram há poucos anos, enquanto outros têm longa permanência, na construção da geografia brasileira e na consolidação de sua comunidade geográfica.

A teia que se foi urdindo, como poderemos perceber, entre os discursos presentes nos eventos da AGB, reclama uma investigação. Nesse sentido, ela acaba por discutir os *modos*, os *meios* e os *processos* que deram à AGB um destacado papel no seio da comunidade científica no Brasil, e, assim, possibilitando compreender em que medida e de que maneiras a AGB, o CBG e o movimento em seu entorno foram responsáveis pela consolidação da geografia no Brasil. Por isso, vez ou outra, se cruzarão os caminhos entrelaçados da AGB, dos professores, dos estudantes e dos cursos de geografia. É possível até afirmar que, sem a existência, as ideias, as práticas, as intervenções e as transformações da AGB, a partir de 1934, a história da geografia no Brasil teria sido outra.

Todas essas alternativas expressam uma pluralidade de contribuições. No caso específico dos eventos da AGB, o que fica mais evidente são análises cujas abordagens centram-se na perspectiva da crítica, mesmo quanto aos trabalhos voltados para o planejamento do Estado.

A caminho da afirmação

Entre os principais eventos organizados pela AGB, ao longo de sua história, que ainda continuam a ser realizados, há o Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), cuja primeira edição remonta a 1972, tendo o último acontecido em 2012, em Belo Horizonte, que celebrou sua 17ª edição. Outro evento também importante é o Encontro Nacional de Ensino de Geografia "Fala Professor", criado em 1986 e realizado, pela primeira vez, no ano seguinte, em 1987, e que, desde então, teve sete edições. Destaca-se também, especialmente neste artigo, o Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG), criado há mais de seis décadas, com sete edições realizadas.

O presente artigo tem como objetivo trazer à luz a criação do Congresso Brasileiro de Geógrafos. No ano de comemoração de sua sétima edição, é importante trazer, para a comunidade geográfica, a história da criação

de um dos seus mais importantes eventos e o mais antigo ainda em realização. Afinal, como já dito, toda história tem o seu começo, e o do CBG foi em 1954, apenas vinte anos após a fundação da AGB.

"Em 1954, celebrou-se o 4º centenário de fundação da Cidade de São Paulo, o que ensejou a realização, pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), do I Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG), na cidade paulista de Ribeirão Preto, a partir do qual se firmaria a tradição de realizar congressos nacionais a cada dez anos" – esta é uma frase presente em algumas publicações da Associação dos Geógrafos Brasileiros que noticia a realização do I CBG e sua continuidade pelos anos que se seguiram.

No entanto, ao estudarmos a AGB, algumas questões nos foram colocadas para a compreensão da história desta associação e de seus eventos, entre elas: qual o cenário encontrado na geografia brasileira e na AGB, quando da realização do I Congresso Brasileiro de Geógrafos? Responder a esta pergunta, buscando reconstruir tal cenário, se torna fundamental para compreendermos as razões e os motivos que levaram à realização do referido congresso.

Passados vinte anos, tanto da criação do curso de graduação em geografia, no Brasil, quanto da fundação da AGB, o cenário a que nos referimos dizia respeito aos fóruns que a comunidade geográfica – fruto destas instituições e também de outras (como o IBGE e escolas) que, juntas, formavam as bases da chamada institucionalidade geográfica – já havia organizado e, de certa forma, fundamentado como sendo os lugares de interseção da produção geográfica nacional.

Também merece destaque, na reconstrução deste cenário, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, que surgiu como a instituição responsável pela organização dos congressos de geografia, conhecidos, em nossas terras, desde o século XIX, e que se fizeram presentes até meados do século XX. A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, no período que corresponde à existência da AGB e da geografia nas universidades brasileiras (ou seja, no período da construção de uma comunidade de geógrafos, no sentido mais definitivo do termo), realizou, entre 1909 e 1954, onze edições do Congresso Brasileiro de Geografia. Em sua concepção original, tais eventos foram concebidos de modo a ocorrerem anualmente, coincidindo com a semana de comemoração da Independência do Brasil:

> A proposta de realização dos congressos surgira em 1908, quando José Artur Boiteux, secretário da SGRJ, sugeriu que se levasse adiante a iniciativa no país, a começar pelo Rio de Janeiro, então capital da República. A inspiração viera do exterior. Consta que Boiteux teria se impressionado com o brilho com o qual havia se realizado em Genebra, naquele mesmo ano, o IX Congresso Internacional de Geografia, que ele próprio tivera oportunidade de assistir. A partir de tal modelo, iniciou-se a preparação do I Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no ano seguinte, sob a coordenação da SGRJ e com apoio substantivo do Governo Federal (PEREIRA, 1997, p. 41).

Entre 1909 e 1926, foram realizados oito Congressos Brasileiros de Geografia: no Rio de Janeiro (1909); em São Paulo (1910); em Curitiba (1911); em Recife (1915); em Salvador (1916); em Belo Horizonte (1919); na Paraíba (1922) e em Vitória (1926). Já os outros três congressos aconteceriam no período entre 1940 e 1954: em Florianópolis (1940), no Rio de Janeiro (1944) e em Porto Alegre (1954).

A AGB, que já existia formalmente com um Conselho Diretor Nacional – com duas seções regionais (São Paulo e Rio de Janeiro) e núcleos municipais que já davam bons sinais em Pernambuco e em Minas Gerais –, até o ano de 1954, já havia realizado oito assembleias gerais ordinárias, que correspondiam, quantitativa e qualitativamente, ao que havia de mais significativo em matéria de reunião da comunidade.

As assembleias realizadas em 1948 (Goiânia-GO) e em 1950 (Belo Horizonte-MG) apontavam para uma estrutura de organização que seria definitivamente consolidada nas assembleias realizadas em 1951 (Nova Friburgo-RJ), em 1952 (Campina Grande-PB) e em 1953 (Cuiabá-MT), garantindo que fossem um lugar de debate (por meio de teses e comunicações) e produção (por meio de pesquisas de campo) de conhecimento geográfico de qualidade.

O que teria levado, então, os sócios e diretores da AGB a decidirem organizar o Congresso Brasileiro de Geógrafos, uma vez que já existia, no âmbito desta instituição, um evento que permitia o debate e a divulgação científica, e sendo que também havia (embora fora do cenário próprio de intervenção da associação) um Congresso de Geografia?

O professor Aroldo de Azevedo, um dos principais articuladores da AGB em São Paulo, e um dos mais contundentes defensores das instituições

fundamentalmente geográficas, apresentou alguns desses motivos em seu discurso, na abertura do I Congresso Brasileiros de Geógrafos, realizado em 1954, na cidade de Ribeirão Preto-SP:

> Por que realizar um Congresso de Geógrafos, se já têm sido realizados tantos Congressos de Geografia, o último dos quais o XI, reuniu-se em Pôrto Alegre, em maio do corrente ano?.
>
> A resposta a esta pergunta é muito simples: em um Congresso de Geografia, tomam parte ativa todos quantos nele se inscrevem. Bastando que se interessem pelo seu sucesso, independentemente de sua especialização; geólogos ou economistas, matemáticos ou juristas, militares ou geógrafos profissionais, cirurgiões ou historiadores, sociólogos ou botânicos, odontologistas ou etnógrafos, químicos ou arquitetos, sumidades em qualquer ramo do saber humano ou simples curiosos – todos, indistintamente, na medida de seus conhecimentos ou de sua audácia, podem oferecer sua contribuição, quer através de tese, quer através de seu voto em plenário. O resultado, como é de se esperar, nem sempre é muito lisonjeiro, e a geografia deixa de receber, via de regra, o ambicionado número de contribuições realmente valiosas e verdadeiramente geográficas. A situação, muitas vêzes, torna-se bastante delicada, porque os geógrafos presentes vêem-se, com freqüência, numa difícil encruzilhada: ou fechar os olhos e tapar os ouvidos, deixando que tudo seja aprovado, embora em desacôrdo com a própria consciência; ou agir com relativo rigor, numa tentativa de separar o jôio do trigo, o que sempre traz contrariedades, quando não mágoas que ficam.
>
> Muito pelo contrário, no congresso que hoje inicia os seus trabalhos, são os geógrafos que têm voz ativa e dão a última palavra, não podendo jamais ser esquecido o ponto de vista, o interêsse e a metodologia da geografia. O regulamento e regimento interno, em seu artigo 27, são bastante explícitos a êste respeito, quando estabelecem que as teses e comunicações levem a, pelo menos: 1) apresentar inegável interêsse geográfico; 2) resultar de trabalhos originais de pesquisa ou de interpretação.
>
> Com isso, não se pretende menosprezar ou negar o valor das contribuições dos que se dedicam às ciências com as quais a geografia tem profundas e indissolúveis afinidades. O que se deseja é que tais contribuições sejam apresentadas em

> função do ponto de vista e do interêsse da geografia e não, exclusivamente, da especialidade de seu autor. Em última análise: o geógrafo deve sempre aparecer, venhamos nós a examinar um problema ligado ao quadro natural ou à paisagem criada pelo homem; porque, antes de tudo e acima de tudo, êste é um Congresso de Geógrafos (AGB, 1954).

O professor Aroldo de Azevedo deixou bastante claro, em suas palavras, os motivos que levaram à construção do I CBG: a garantia de um espaço específico dos geógrafos, em que, a partir de seus trabalhos e contribuições, poder-se-ia fazer a consolidação deste campo do conhecimento, além do claro reconhecimento daqueles que poderiam se aventurar na produção científica qualificada da geografia.

Apesar da participação dos principais personagens da geografia de São Paulo e do Rio de Janeiro – que estavam à frente da AGB, tanto no Conselho Diretor Nacional, quanto nas seções regionais e núcleos municipais, nos congressos de geografia, principalmente em suas três últimas edições (1940, em Florianópolis; 1950, no Rio de Janeiro; 1954, em Porto Alegre) – as ideias balizadoras que apareceram no discurso do professor Aroldo de Azevedo foram, de certa forma, reconhecidas e assumidas por eles.

Os Congressos Brasileiros de Geógrafos, a partir de sua primeira edição, em 1954, passaram a ocorrer a cada dez anos (com exceção do segundo, que ocorreu onze anos após o primeiro).[1] A realização do congresso não anulava a realização da Assembleia Geral Ordinária da AGB, que passou, então, a ocorrer simultaneamente ao CBG. Em toda a sua existência, a AGB realizou sete edições do Congresso Brasileiro de Geógrafos: em 1954, Ribeirão Preto-SP; em 1965, Rio de Janeiro-RJ; em 1974, Belém-PA; em 1984, São Paulo-SP; em 1994, Curitiba-PR; em 2004, Goiânia-GO; e em 2014, Vitória-ES.

O I Congresso Brasileiro de Geógrafos, realizado em Ribeirão Preto, mobilizou, de maneira bastante significativa, a então comunidade geográfica brasileira. A realização das assembleias gerais da AGB – que, no fim das contas, era um encontro da associação e seus associados –, segundo relatos, documentos e entrevistas analisados, não comprometia e envolvia tanto a associação, como ocorrera com o I CBG. É necessário que se conte a história da concepção e da organização do CBG, uma vez que já o fizemos sobre as intenções e expectativas acerca da proposta da realização dos Congressos de Geógrafos.

[1] Fato explicado em função do golpe civil-militar ocorrido no Brasil, em 1964.

O I CBG teve sua data escolhida em função de uma agenda externa à AGB – a comemoração do 4º Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo. A intenção era a de participar dos eventos programados para esta comemoração, realizando o encontro neste mesmo ano, na Cidade de São Paulo, conforme publicado no *Boletim Paulista de Geografia* (BPG) nº 13:

> O ano de 1954 será de grande importância para a cidade de São Paulo, pois, a 25 de janeiro, a capital paulista completará quatro séculos de existência. No desejo de tomar parte nas comemorações dessa efeméride, a exemplo de outras associações de fins culturais, deliberou o Conselho Diretor da AGB, em reunião levada a efeito em janeiro do ano corrente, convocar o Primeiro Congresso Brasileiro de Geógrafos, isto é, um conclave de proporções mais amplas do que as costumeiras assembléias gerais, onde tomarão assento não apenas os sócios da AGB, mas todos quantos, no país, vêm-se dedicando a trabalhos realmente geográficos. Para isso, contou com o apoio integral da Comissão do IV Centenário de São Paulo, que se prontificou, numa demonstração de alto espírito de colaboração e larga visão, a custear parte das despesas necessárias a um empreendimento de tamanha relevância (BPG, 1953: 76).

Lançada a ideia, ela foi logo assumida pela AGB e suas instâncias deliberativas, tanto o conselho diretor, citado anteriormente, como a assembleia geral, que, reunida no ano anterior (Cuiabá-MT), deliberou pela realização do evento e deu todo o apoio necessário para tornar possível o proposto.

Além da participação junto às comemorações do 4º Centenário de São Paulo, o escrito do BPG, acima citado, destacou um ponto importante que nos remete à concepção do congresso: um evento de proporções mais amplas, tanto na quantidade de participantes, quanto na sua identificação (aqueles que, mesmo os não sócios, estariam produzindo *trabalhos realmente geográficos* [grifos nossos]), numa clara manifestação de marcação de uma identidade em torno da produção e da formação geográficas.

Uma vez tomada essa decisão, o Conselho Diretor da AGB resolveu, imediatamente, nomear uma comissão organizadora, formada por 21 membros (em sua maioria, de São Paulo, com outros do Rio de Janeiro e do Paraná), e uma comissão executiva, que tinha Aroldo de Azevedo como presidente. A partir da ação da comissão executiva, foram formadas duas subcomissões: a de Regulamento e Regimento Interno (presidida por Ary França) e a de Temário

(presidida por João Dias da Silveira). A subcomissão montada para este fim preparou um minucioso regulamento para o I CBG, contendo oito títulos e 35 artigos, e a subcomissão de Temário preparou uma lista de três títulos gerais, com 34 subtítulos. Houve, assim, muita mobilização e sistemática de organização para a realização desse congresso.

No entanto, toda essa preparação sofreu um duro revés, pois houve diferenças no entendimento dos acordos firmados entre a AGB e a Comissão do 4º Centenário, impedindo que o congresso fosse realizado na Cidade de São Paulo, na data prevista e como parte das comemorações que ocorreriam ali, naquele ano:

> Após prolongadas gestões junto à Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, chegou a comissão organizadora do I Congresso Brasileiro de Geógrafos à conclusão de que seria impossível aceitar o apoio financeiro daquela autarquia e, consequentemente, levar a efeito o citado conclave na Capital paulista, conforme fôra anunciado (BPG, 1954, p. 89).

Diante desta dificuldade, a comissão organizadora decidiu transferir a sede do congresso para uma cidade do interior do estado, cuja região oferecesse interesse, sob o ponto de vista geográfico, e onde se pudesse encontrar o indispensável amparo para iniciativa de tamanha relevância, que exigia necessariamente despesas superiores aos recursos com que contava a AGB. Assim, a comissão organizadora tomou a decisão de não mais realizar o congresso em São Paulo, transferindo-o para a cidade de Ribeirão Preto, com o apoio declarado do prefeito da cidade e do diretor de sua Faculdade de Medicina. Com isso, reestruturaram-se suas comissões, regulamento e programação, já que, uma vez sem os recursos da Comissão do IV Centenário, a proposta de programação do CBG teria que se ajustar à nova situação, tornando-se mais modesta, no tocante aos seus gastos. Em face destas condições, a comissão organizadora aprovou a seguinte resolução:

> Considerando as dificuldades insuperáveis que apareceram para a realização do congresso na cidade de São Paulo, principalmente por não ter sido possível aceitar o prometido apoio financeiro da Comissão do IV Centenário;
>
> Considerando as facilidades oferecidas, quer quanto à hospedagem, quer quanto ao transporte em excursões, por parte do Sr. Prefeito Municipal de Ribeirão Preto e por parte

> do Sr. Diretor da Faculdade de Medicina da mesma cidade;
>
> Considerando, outrossim, que a cidade de Ribeirão Preto e a região conhecida pelo nome de Nordeste de São Paulo não foram objeto, até à presente data, de nenhum estudo geográfico sistemático e de conjunto, apesar da importância que apresentam sob o ponto de vista da geografia física e da geografia humana, em seu mais amplo sentido;
>
> Considerando, ainda, que coube ao Conselho Diretor da AGB tomar a iniciativa de convocar esse congresso, não sendo conveniente nem justo que se venha a perder a primazia de tão oportuna e feliz idéia;
>
> Considerando, finalmente, que fazendo realizar o congresso numa das mais importantes cidades paulistas, símbolo da expansão cafeeira e da força realizadora da gente bandeirante, e procurando levar a efeito o estudo geográfico de uma área tão expressiva do estado, a AGB presta, em última análise, uma homenagem à Capital paulista, no ano em que comemora seus quatro séculos de existência;
>
> RESOLVE: escolher como sede do I Congresso Brasileiro de Geógrafos a cidade de Ribeirão Preto, fazendo realizar os seus trabalhos entre 19 e 28 de julho do ano corrente (BPG, 1954, p. 90).

Em consequência dessa deliberação, foram extintas algumas comissões da organização anterior, sendo criada uma comissão executiva com mais poderes que a anterior, tendo como presidente o presidente da AGB, como vice-presidente o diretor da Seção Regional de São Paulo, como 1º secretário o secretário-geral da AGB, como 2º secretário o secretário da Seção Regional de São Paulo, como 1º tesoureiro o tesoureiro-geral da AGB e como 2º tesoureiro o tesoureiro da referida seção regional.

Nessas condições, a nova comissão executiva foi assim formada: presidente Aroldo de Azevedo; vice-presidente José Ribeiro de Araújo Filho; 1º secretário Dirceu Lino de Matos; 2º secretário Pasquale Petrone; 1º tesoureiro Ary França; 2º tesoureiro Brás Berlanga Martinez.

Realizado no período de 19 a 28 de julho de 1959, e tendo reunido 172 participantes e mais 28 entidades, o I CBG teve seu amplo temário distribuído nas atividades que já eram praticadas nas Assembleias Gerais Ordinárias (AGOs): discussões de teses e comunicações, conferências e mesas-redondas, realizações de trabalhos de campo e uma exposição de geografia e cartografia. Ao

longo dos dias, foram realizadas as sessões acadêmicas e culturais, em que os trabalhos eram apresentados e debatidos, e as sessões administrativas, correspondentes à IX AGO, que ocorreu simultaneamente ao I CBG.

O congresso teve início na tarde do dia 19 de julho, com a sessão preparatória para a eleição da sua mesa diretora, bem como dos seus presidentes de honra. Ficou a mesa assim constituída: presidente Pierre Monbeig; vice-presidente Aroldo de Azevedo; primeira-secretária Maria da Conceição Vicente de Carvalho; segundo-secretário Tabajara Pedroso. Para presidentes de honra do congresso foram escolhidos Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado de São Paulo, o tenente coronel Alfredo Condeixa Filho, prefeito municipal de Ribeirão Preto, e o desembargador Florêncio de Abreu, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A sessão de instalação do congresso ocorreu no Salão da Legião Brasileira de Ribeirão Preto, onde, após vários discursos, teve início o evento.

FIGURA 1



A Mesa do Congresso na sessão solene de abertura

Vêem-se, da esquerda para a direita: o prof. *Gilberto Osório de Andrade*, secretário da Educação de Pernambuco; *Monsenhor Dr. João Lourenço*, representante do Sr. Bispo Diocesano; Dr. *José do Carmo Marques Ferreira*, presidente da Câmara Municipal de Ribeirão Preto; prof. *Pierre Monbeig*, presidente do Congresso; Dr. *José Romeiro Pereira*, Secretário do Govêrno e representante do Sr. Governador do Estado de São Paulo; Tenente-Coronel *Alfredo Condeixa Filho*, Prefeito de Ribeirão Preto e um dos presidentes de Honra do Congresso; prof. *Aroldo de Azevedo*, então presidente da A. G. B. e vice-presidente do Congresso; Dr. *Vítor A. Peluso Júnior*, secretário da Agricultura de Santa Catarina; e prof. *Sebastião Paiva*, presidente da "Sociedade Legião Brasileira".

Figura 2



A programação contou com a contribuição dos seguintes trabalhos para os debates:

1) Teses:

– *Contribuição à geomorfologia do litoral paulista*, de Aziz Nacib Ab Saber;

– *Os tipos de vegetação do Brasil (elementos para uma classificação fisionômica)*, de Edgar Kuhlmann;

– *O uso da terra no leste da Paraíba*, de Orlando Valverde;

– *Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense*, de Pedro Geiger e Ruth L. Santos;

– *Possibilidades de povoamento na Bacia do São Francisco*, de Ruth Lopes da Cruz Magnanini;

– *Observações relativas ao minério de ferro e à siderurgia no planalto de Minas Gerais*, de Ney Strauch;

– *Contribuição ao estudo da Campanha Gaúcha*, de Miguel Alves de Lima;

–*Influências da Bacia do São Francisco na resolução dos problemas rodoviários e hidroelétricos de Minas Gerais*, de Benedito José de Souza;

– *Algunas particularidades de la evolución del relieve del Uruguay y del Rio Grande del Sur*, de Jorge Chebataroff.

2) Comunicações:

– "O problema geomorfogenético nos estudos de relevos policíclicos e epicíclicos nas bordas do Atlântico", por Francis Ruellan;

– "Notas para um estudo do "habitat" rural na zona cacaueira da Bahia", por Milton Santos;

– "Situação atual do ensino e das pesquisas geográficas no Paraná", por Reinhard Maack;

– "Distribuição fitogeográfica e filogenia das orquídeas americanas", por F. G. Brieger.

3) Conferência:

Conferência proferida por Pierre Monbeig, intitulada "Geografia e Colonização".

4) Mesas-redondas:

– "O problema da recuperação dos solos esgotados", com a participação de Hilgard O'Reilly Sternberg (presidente), Francis Ruellan, João Quintiliano de Avelar Marques (representante do Instituto Agronômico de Campinas), Moacyr Pavageau (presidente da Sociedade Brasileira de Ciências do Solo), Jorge Chebataroff, Dirceu Lino de Mattos, Charles Jacques Jean Hogenboom (presidente da Cooperativa Agropecuária da Fazenda Holambra), Pierre Monbeig, Miguel Alves de Lima (Serviço de Educação Rural do Ministério da Educação);

– "O ensino de geografia e seus problemas", que ocorreu sem a participação de convidados.

As pesquisas de campo realizadas neste congresso foram previamente programadas, o que envolveu vários associados em sua organização, uma vez que foram realizadas em diversos municípios da região de Ribeirão Preto. As equipes foram assim divididas:

1) Ribeirão Preto e arredores:

Chefiada por Ary França e subdividida em seis grupos: a) Situação e sítio urbano (direção de João Dias da Silveira); b) O desenvolvimento da cidade e suas grandes etapas (direção de José Veríssimo da Costa Pereira); c) As funções, o centro e os bairros (direção de Antônio Rocha Penteado); d) Os problemas urbanos (direção de José Ribeiro de Araújo Filho); e) A circulação geral e urbana (direção de Renato da Silveira Mendes) e f) A zona rural (direção de Ary França).

2) Região Norte de Ribeirão Preto:

Esta pesquisa, dirigida por Pierre Monbeig, foi dividida em dois grupos: a) Geografia física (coordenação de Otávio Barbosa) e b) Geografia humana (coordenação de Dirceu Lino de Mattos).

3) Região Sudeste de Ribeirão Preto:

Esta excursão foi dirigida pelo professor Mário Lacerda de Mello e subdividida em dois grupos: a) Geografia física (coordenação de Aziz Nacib Ab'Saber) e b) Geografia humana (coordenação de Mário Lacerda de Mello).

4) Região Sudoeste de Ribeirão Preto:

Esta pesquisa foi dirigida pelo professor Nilo Bernardes e também subdividida em dois grupos: a) Geografia física (coordenação de Alfredo José Porto Domingues) e b) Geografia humana (coordenação de Lysia Bernardes).

5) Área de Ribeirão Preto até Franca:

Esta pesquisa foi dirigida pelo professor Francis Ruellan e subdividida em três grupos: a) Petrografia e geomorfologia (coordenação de Ruy Osório de Freitas); b) Geomorfometria e c) Geografia humana (coordenação de Ney Strauch).

Considerações finais

A AGB é uma entidade que, somente pela sua longa existência, já poderia marcar presença, de maneira indiscutível, na história das instituições científicas do Brasil. No entanto, sua própria história, desde a fundação até os dias atuais, não só tem reforçado a sua presença neste seleto grupo de entidades, como também – e com destaque – a sua permanência.

A AGB é uma associação de porte nacional que construiu sua história em busca de reconhecimento e de uma forte institucionalidade. Passados mais de oitenta anos de atividades, se viu transformada num movimento de grande diversidade e, por vezes, de intensa radicalidade dentro de uma ciência em que foi palco e protagonista de inúmeras histórias de transformações e construções. As transformações sofridas, provocadas e assumidas pela AGB, de fato, foram muitas, ao longo de sua história.

Após sessenta anos, e realizadas sete edições, o Congresso Brasileiro de Geógrafos passou por algumas importantes variações e expectativas, no interior

da comunidade geográfica. Num primeiro momento, nas duas primeiras edições, o CBG teve como objetivo a afirmação da identidade de uma formação específica de um campo disciplinar. O período de realização das duas primeiras edições do CBG foi semelhante àquele definido por Monteiro (1980), no contexto dos estudos sobre a história do pensamento geográfico brasileiro, e, em especial, sobre a institucionalização universitária da geografia no Brasil. Como *A caminho da afirmação* foi o marco de transição da fase de formação para a de afirmação, se imagina que foram colhidos frutos evidenciadores da existência de uma comunidade ativa de geógrafos pesquisadores.

Os congressos realizados em 1974 e 1984 aconteceram numa perspectiva de consolidação da ciência geográfica e, ao mesmo tempo, de desafios diante uma já bastante numerosa comunidade geográfica e da realização de eventos que passaram a contar com milhares de participantes. O 4º CBG (1984) foi justamente o primeiro a ser realizado após a reforma estatutária de 1979, em pleno movimento de renovação crítica, que mudou, de maneira significativa e positiva, a AGB e a geografia brasileira, refletindo isto em sua organização.

Os congressos que se seguiram (1994 e 2004) assumiram, no contexto da comunidade geográfica, que mantinha uma relação mais direta com a AGB, o caráter de balanço da geografia brasileira e da própria associação. Esta perspectiva de balanço foi reafirmada na sétima edição do CBG, realizada na cidade de Vitória-ES, no ano de 2014, e que vem ocupar lugar de destaque neste número da revista *Terra Livre*, importante publicação da geografia brasileira, sob responsabilidade da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Estudar a história de uma disciplina, ou mesmo as histórias das instituições presentes nesta história, pode contribuir de maneira significativa para o debate epistêmico da disciplina. Estudar a episteme de uma dada ciência implica em fazer história. Por tudo isso, a história da AGB pode confundir-se com muitas outras histórias contadas a partir das transformações ocorridas na sociedade e na geografia brasileira, nos últimos decênios. Porém, algumas e importantes diferenças parecem marcar a singular história desta associação de geógrafos. A AGB, nascida durante a década de 1930, é uma expressão recente do fenômeno da história social da geografia no Brasil. O seu surgimento e posterior desenvolvimento são decorrências de uma dada concepção de geografia. A AGB, portanto, é resultado de uma história institucional muito mais longa, no âmbito

da geografia brasileira, e é não apenas portadora de certa institucionalidade profissional, mas chanceladora de modos de produzir conhecimento e do conhecimento que produz.

Referências bibliográficas

AGB. Associação dos Geógrafos Brasileiros (1945-1965). *Anais da AGB.*

AGB. Associação dos Geógrafos Brasileiros (1949-1976). *Boletim Paulista de Geografia.*

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia – ciência da sociedade: uma introdução...* São Paulo: Atlas, 1987.

CAPEL, Horácio. "Historia de la ciencia e historia de las disciplinas científicas." In: *Geo-Crítica*, 1989.

FIGUERÔA, Sílvia. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. "A geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências." In: *Série Teses e Monografias*, n. 37. São Paulo: Instituto de Geografia, USP, 1980.

PEREIRA, Sérgio Nunes. *Geografias. Caminhos e lugares da produção do saber geográfico no Brasil (1838-1922)*. Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 1997.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. "A ciência geográfica e a construção do Brasil". In: *Revista Terra Livre*, n. 15. São Paulo: AGB, 2000.